

À GUIA DE CONCLUSÃO (Pequeno Mar)

O trabalho realizou seus percursos. A pretensão foi alcançada. Direta ou indiretamente, os caminhos que se seguiram atualizaram as forças que estavam em jogo. Atualizar aqui quer dizer também que o acaso e a surpresa foram elementos imediatos na realização das forças. Não se pretendia provar nada, nem chegar a nenhum tipo de conclusão. O processo era o *não-objetivo* do trabalho. Processo no sentido de criar um campo experimental, onde o jogo de forças fosse guiado por suas capacidades de serem afetadas. Em nenhum momento se pretendeu chegar a um ponto final sobre qualquer assunto. Não se trata de um jogo entre refutação/comprovação, nem de um projeto científico pré-determinado por um sentido específico. É, sim, um jogo de experimentação. Experimentação no sentido que é tratado em muitos momentos ao longo do texto. Experimentação no sentido de tornar-se corpo. Este texto é um corpo. Um corpo múltiplo, pleno de singularidades que espocam a todo o momento, por todos os trajetos. Este texto é constituído como um indivíduo espinosista: múltiplo, afetivo, potente.

O corpo do texto é também o texto no corpo. Este trabalho é realizado como processo de experienciação que se torna corpo. Ele é tatuado, marcado, vivenciado como acontecimento, como criação. Não existe diferença - no caso do presente trabalho - entre seu processo de constituição e o corpo experienciado no/pelo/através do processo. Ambos se afetam e detonam muitos outros corpos.

O deslocamento assumido - da objetividade para o processo - aponta a tendência de se produzir textos, e/ou textualidades, que contenham pontos afirmativos ao longo de seus trajetos. Isso quer dizer que o tom, muitas vezes assertivo, a constante presença de palavras de ordem poética, o estilo de construção dos diálogos e forma de tratamento de determinados temas, bem como a abordagem frontal de tensões e discordâncias fazem parte deste universo. O desejo afirmativo e seu caráter peremptório não colocam em risco a opção pelo processo e nem pelo desejo de constituição de uma rede descentralizada de produção de sentidos e significações, com suas forças e valorações. Não se está dizendo com

isso que abrimos mão da construção de um lugar para falar. A fala se coloca aqui como um elemento semovente na composição radial dos planos de ação. A fala não encerra em si o local de onde se fala, mas integra uma série de articulações que se realizam no movimento e pelo movimento. Qualquer texto produz uma fala. Mas a fala que se está produzindo aqui extrapola qualquer limite textual. Ela não se encontra limitada a reproduzir um local, ou descrever e legitimar esse mesmo local. Ela está em processo de realização. Ela segue, a cada momento, produzindo dissonâncias e ruídos. Ela escapa à possibilidade de se ver reduzida a uma literalidade direta, sem nenhum tipo de arrogância criativa, extremamente submissa a um jogo unilateral de valores. A fala é um corpo em meio a outros corpos que compõem a rede de significações do presente texto.

É o desejo da experientiação que define o norte de opção do trabalho. A quase totalidade dos produtores abordados aponta nessa direção. Em nenhum momento tentou-se velar o sentido das trajetórias que se desejavam compor. A tradição delirante é uma invenção. Prioritariamente e afirmativamente uma invenção. É um campo de ações, uma cartografia afetiva, uma rede de fluxos, um amplo movimento sem sentido aparente. Deleuze nos fala sobre o espaço liso. Certa vez Cláudio Ulpiano - em uma de suas aulas-experiência - disse que o mar é um espaço liso. Aquele imenso e fabuloso conteúdo disposto por suas marés, correntes, fluídos, ondulações, sem aparência de algo que pode ser quantificado, que pode ser determinado por qualquer espécie de classificação, algo que se movimenta de forma própria, que tem suas próprias maneiras de escapar de si mesmo, enfim, o mar é esse espaço sem fronteiras, mas, ao mesmo tempo, pleno de significações próprias. De uma certa maneira, esse texto é como um mar, um pequeno mar - como aqueles da Ásia, menores, limitados, com uma densidade particular, de coloração específica. O mar engana. Muitas vezes, a sensação que se tem é de um imenso, homogêneo e compacto campo. A ausência nele de fronteiras claras, sua impossibilidade de limites determinados, pode criar a ilusão de que se está sempre no mesmo lugar, sempre repetindo a mesma trajetória. No entanto, de uma hora para outra, sem se dar conta, o mar crispa-se em suas ondas, transforma seu relevo, rompe suas entranhas, muda seu fundo, se movimenta, se mobiliza,

torna-se *outro* mar. O mar é perigoso. Mas também é perigoso na medida em que se deseja aventurar por ele. E a aventura é experienciar o mar. O mar em toda sua força e particularidade.

A composição deste trabalho foi feita a partir da busca de uma construção de estilo, que também faz parte das opções que foram realizadas no processo de pesquisa. Em alguns momentos, fica clara a disposição da presente rede textual em apostar nas linhas de composição poéticas. A busca de uma experimentação de estilo não se limita somente ao sentido da escrita. Na maioria dos casos, os produtores de arte abordados são deslocados de seus lugares já constituídos para serem lançados em territórios e leituras não muito convencionais. Essa tentativa de construção de uma abordagem razoavelmente original é concomitante com o desenvolvimento de características estilísticas particulares. A função, digamos, militante do desenvolvimento dessa experiência estilística é, sem dúvida, um elemento potente na composição geral do trabalho. A idéia de resistência encontra aqui seu lugar primevo. Resistência torna-se a possibilidade real de inventar/criar situações de enfrentamento com os paradigmas institucionais, com o lugar do texto de academia, com a escrita formal e cúmplice de projetos estáveis de acumulação simbólica da relação capital/conhecimento. Essa questão do estilo certamente deve ser remetida à fala do filósofo Nietzsche. Não podemos esquecê-lo e também não podemos deixar de dizer que ele está presente em muitos momentos da constituição desta textualidade. Mas também, contudo, é novamente Deleuze que vai dizer que filosofar é inventar conceitos. Mesmo não sendo a pretensão do presente trabalho, mesmo tendo consciência de suas limitações no campo do filosófico propriamente dito, a partir desta fórmula deleuziana podemos chegar a dizer que o presente trabalho alcançou alguns pequenos índices de criação que se aproximam desta afirmação. Assim, de alguma maneira, estava-se - simultaneamente na/pela/através da experiência corporal, da ação do corpo, do movimento-corpo - ao longo da constituição do texto, produzindo e realizando, em alguns níveis, pensamento.

Sem dúvida, o caráter militante das textualidades presentes neste trabalho reafirma a necessidade de se pensar o desejo que está amalgamado a esta produção. O que se está querendo colocar é que, de maneira geral, existe uma necessidade de

se pensar de maneira bastante afirmativa e crítica. O pesquisador, o produtor de conhecimento, o cientista, o crítico, aquele que é um trabalhador do pensamento, deve, por necessidade, perceber quais são os lugares a serem ocupados. Não se pode negar que o pensamento tem uma função necessária na constituição da vida. Trata-se de perceber o valor ético de uma produção como essa. Como e de que maneira podemos ajudar a realizar um real diferente, singular, um real que rompa com os esquemas de estratificação presentes, na grande maioria dos gestos de produção de sentido, do campo sócio-cultural. Trata-se de criar e resistir.

Outro ponto que deve ser levado em consideração ao longo dos trajetos do trabalho é a noção de precariedade. O precário é uma condição das discussões da contemporaneidade. Não se trata somente de uma idéia de algo que tem características passageiras – sem dúvida, isso é um traço. Trata-se mais da própria implicação de uma possível noção de valor imanente aos processos de produção e criação. No campo das produções de arte na contemporaneidade, a idéia de valor vai sendo deslocada para idéia de experiência. Essa experiência se torna cada vez mais instantânea e imprecisa, cada vez mais difícil de quantificada ou qualificada, cada vez mais fugidia e de difícil localização. Isso pode ser pensado como uma tomada de posição, uma tática dos produtores e de seus produtos. Mas, para além da idéia de tática, existe o caráter de valoração presente neste respectivo processo. A precariedade é tornada uma forma de ação, um parâmetro, uma baliza, um procedimento. A precariedade é transformada em valor. Assim, essa operação de atribuição de valor é a maneira pela qual uma certa ética irá se constituir. A constituição desta ética impõe aos processos de criação limites de potencialização. O precário é um modo de viver, um modo de existir num mundo onde os limites de mercado se colocam como únicos e inquestionáveis. Essa discussão nos remete, por exemplo, ao movimento que acontece agora na Europa, mais precisamente na França, de um grupo chamado *Intermitentes do Espetáculo*. Trata-se de um movimento relacionado aos grupos que trabalham na área da cultura. Vejamos as palavras de Tatiana Roque, em texto a ser publicado¹:

¹ Texto a ser publicado na Revista Global Brasil, em abril de 2004.

“Intermitentes do espetáculo” são aqueles que trabalham na área cultural (atores, técnicos, iluminadores, bailarinos...) e que, pela própria natureza de sua profissão, não possuem sempre a mesma rotina, nem o mesmo ritmo de trabalho. A França, até hoje, reconheceu a intermitência deste tipo de trabalho remunerando tais profissionais nos períodos de recesso, por exemplo, entre um espetáculo e outro. Com as reformas, o governo francês começa a colocar em questão tal estatuto, para eliminá-lo, o que suscitou enormes movimentos de resistência da parte dos intermitentes, incluindo paralisações de festivais importantes e a incrível invasão de programas de televisão, como um importante telejornal, assumido, durante alguns minutos, antes que a emissora o tirasse do ar, por uma intermitente. (ROQUE, 2004. p.1)

Esse caráter passageiro de um trabalho que não pode ser ou ter qualquer nível de continuidade, ou que não está ligado a nenhum nível de garantia, é, sem dúvida, um trabalho que se encontra em regime de processo. Mas esse processo não é só a transformação do estatuto do trabalho ou do trabalhador, é também uma característica de atuais modelos de valoração do trabalho. Assim, na medida em que avançam essas características do atual estatuto do trabalho, se percebe que não se trata exclusivamente de uma discussão restrita a certos nichos de trabalho especializado, mas de uma outra maneira de se pensar o trabalho e seus produtos. E essa maneira é a da precariedade. Talvez a melhor maneira de pontuar essa discussão seja a fala desenvolvida pelo filósofo franco-italiano Maurizio Lazarato no recente Fórum Social Europeu²:

(...)Uma renda universal garantida para todos como meio para:

1. Inventar novas formas de atividade que se subtraíam à relação de subordinação ao trabalho, direcionando-as para a criação e realização de bens comuns, e não para a valorização das empresas.
2. Dissociar tempo de trabalho e remuneração para o acesso de todos a temporalidade não controladas, criadoras de riquezas e de processos de subjetivação.

² Ver Revista Global, Número especial p/ Fórum Social Europeu. Paris: novembro, 2003. Essa discussão só pode ser abordada diretamente aqui. No entanto, ela se encontra presente em muitos outros momentos do texto. Ela é sem dúvida um *link* que se mantém aberto na direção de outros caminhos. Suas potências de resistência deverão ser ativadas e realizadas em outros momentos do processo de luta.

3. Derrotar a potência financeira do poder (*welfare*) que tende a reproduzir a subordinação ao trabalho (*workfare*) em direção a um financiamento dos indivíduos e das infra-estruturas necessárias à criação de bens comuns.
4. Construir condições para a neutralização da divisão entre invenção e reprodução, entre criadores e utilizadores.
5. Integrar a multiplicidade dos sujeitos que participam do desenvolvimento da cooperação social na construção de um novo conceito de democracia que os transforme de clientes, utilizadores, necessitados de emprego, precários, trabalhadores informais, em atores políticos de uma nova esfera pública que não dependa do Estado. (LAZARATO, 2003, p.1)

A condição da precariedade deve ser vista como algo que pode e deve ser superada. Dever se pensada como algo contra a qual se luta, se constroem resistências. Não é possível naturalizar uma condição de precariedade e fazer disso um estatuto de subsistência dos mecanismos de produção de subjetivação. Nada justifica a miséria. Nada justifica a exclusão. Nesse sentido, a precariedade como processo de criação e de produção de arte deve ser vista como tática necessária, mas sazonal. Não é difícil compreender porque muitos produtores de arte se colocam na situação da precariedade enquanto forma de processo. Muitos deles estão tentando romper com os elos de produção de subjetividade propagados pelo biopoder e pelo controle. Muitos deles estão investigando e construindo experiências de outras formas de subjetividade, buscando romper com a produção de reprodução do mesmo. Desde as apropriações da lógica de propaganda em espaço público – como as realizada pelo Atrocidades - até instaurações e intervenções em circuito de arte institucional constituem a forma pela qual a atual produção de arte assume a precariedade como instrumento de ação, luta e resistência. Se, no âmbito do universo das produções de arte, a precariedade funda uma ética possível, no campo das discussões sobre os atuais estatutos do trabalho a nível global a precariedade é um fenômeno que deve ser afirmado e instrumentalizado no sentido da realização das potências constituintes singulares e de suas forças de transformação. O trabalho – seja ele de/na arte, seja ele de/no pensamento, seja ele braçal - é hoje uma questão de prioridade para a reflexão e a ação. O trabalho é o ponto de inflexão das forças de ação e reação na contemporaneidade.

Por fim, fica a noção de que este trabalho foi construído e constituído como um acontecimento de resistência. Resistência no sentido de tentar afirmar o caráter potente de certas produções de arte, e no sentido de se afirmar como um acontecimento discursivo e textual potente em suas forças de luta. A tentativa de experimentar um processo de criação culmina com o desejo de construção da resistência. Assim, o projeto só alcança esse patamar quando se lança na aventura de realizar afirmativamente a noção de criação como resistência, e de resistência como criação.

É aqui que esse pequeno mar ganha sua densidade e sua coloração singular.